



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

**MAICON EMERSON FERREIRA MOTA
ROBSON SILVA**

**NARRANDO O REAL: POVOADO MARACUJÁ, HISTÓRIA E
DESENVOLVIMENTO**

**Conceição do Coité
2011**

**MAICON EMERSON FERREIRA MOTA
ROBSON SILVA**

**NARRANDO O REAL: POVOADO MARACUJÁ, HISTÓRIA E
DESENVOLVIMENTO**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Comunicação Social – Habilitação em Radialismo, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial de obtenção do grau de bacharel em Comunicação, realizado sob a orientação da Professora Msc. Carolina Ruiz Macedo.

**Conceição do Coité
2011**

**MAICON EMERSON FERREIRA MOTA
ROBSON SILVA**

**NARRANDO O REAL: POVOADO MARACUJÁ, HISTÓRIA E
DESENVOLVIMENTO**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Comunicação Social – Habilitação em Rádio e TV, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial de obtenção do grau de bacharel em Comunicação, sob a orientação da Professora Mestre Carolina Ruiz Macedo

Data: _____
Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Msc. Carolina Ruiz de Macedo (Orientadora)
Assinatura: _____

Prof.^a Msc. Kátia Santos de Moraes

Assinatura: _____

Prof. Msc. Tiago Santos Sampaio

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedicamos esse trabalho a todos os moradores do povoado Maracujá, pois são os atores principais do vídeo e do trabalho em si. A todos que desejam conhecer mais sobre a história desse povo que tem uma história de luta e resistência.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente ao Senhor que nos deu forças para realizar esse trabalho.

Aos moradores do povoado Maracujá, que cooperaram e participaram com muito boa vontade, fornecendo informações e concedendo entrevistas para o vídeo.

Aos colegas do curso e professores, principalmente à professora orientadora Carolina Ruiz que foi paciente em nossas dificuldades.

A todos que acreditaram em nosso potencial e àqueles que participaram direta e indiretamente desse trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo contar através de um vídeo documentário a história do povoado para os moradores desta localidade e para outras pessoas, buscando apresentar sua origem, trajetória e características nos dias atuais, frisando o papel transformador exercido pela líder comunitária Rita do Maracujá. Esse trabalho tem como objeto o povoado Maracujá, localizado na zona rural da cidade de Conceição do Coité. Existem nos últimos anos alguns relatos orais, de que esse povoado pode ser um remanescente quilombola. Durante muitos anos esse povoado foi esquecido pelas autoridades, permanecendo por um longo período isolado e sem nenhuma assistência do Estado. Para realizar esse propósito, utilizamos informações do estudo da professora Lúcia Maria Parcero, da UNEB Campus XIV, e das pesquisas do escritor coiteense Orlando Matos Barreto. Como subsídios teóricos para compreender questões ligadas ao povoado, utilizamos alguns conceitos de racismo, negritude e cidadania, assim como discutimos o vídeo como suporte e as características do gênero documental. Utilizamos ainda como recursos metodológicos entrevistas com alguns moradores, professores, pesquisadores e outras pessoas envolvidas.

Palavras-chave: Povoado Maracujá – vídeo-documentário – história – mudanças.

ABSTRACT

This study aims to tell through a video documentary history of the village for the residents of this town and others, seeking to present its origin, trajectory and characteristics today, emphasizing the transformative role played by community leader Rita's Passion. This work has as its object the settlement Passion, located in the rural town of Concepcion intercourse. There are some reports in recent years oral, that this town may be a remnant Quilombo. For many years this town has been forgotten by the authorities, staying for a long time alone and without any assistance from the State. To accomplish this purpose, we use data from the study by Professor Maria Lucia Parceró of UNEB Campus XIV, and research the writer coiteense Orlando Matos Barreto. As theoretical support to understand issues related to people, using some concepts of racism, blackness and citizenship, as well as discuss the video as support and the characteristics of the documentary genre. We also use interviews as methodological resources with some residents, teachers, researchers and others involved.

Keywords: Povoado Maracujá - History - documentary video - development.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

1.2 APRESENTAÇÃO DO TEMA DO PROUTO..... 08

1.3 OBJETIVOS..... 09

1.4 JUSTIFICATIVA..... 09

1.5 DESCRIÇÃO DOS CAPÍTULOS..... 10

1.6 PÚBLICO-ALVO..... 11

2. POVOADO MARACUJÁ: HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO..... 12

1.1 CARACTERÍSTICAS DO POVOADO DE MARACUJÁ..... 12

1.2 RITA DO MARACUJÁ..... 17

1.3 NEGRITUDE E RACISMO..... 18

3. SUPORTE..... 21

2.1 O VÍDEO E SEU CONTEXTO SOCIAL..... 21

2.2 O GÊNERO DOCUMENTAL..... 24

2.3 A TÉCNICA..... 25

4. DESCRIÇÃO DOS PROCESSOS DE PRODUÇÃO..... 27

3.1 PRÉ- PRODUÇÃO..... 27

3.2 PRODUÇÃO..... 33

3.3 PÓS-PRODUÇÃO..... 36

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 41

REFERÊNCIAS..... 44

APÊNDICE 46

INTRODUÇÃO

Apresentação do Tema

O povoado Maracujá está situado a 18 quilômetros da sede Conceição do Coité, cidade situada no semiárido baiano, a 210 quilômetros de Salvador, capital do estado da Bahia. Quase 100% das pessoas dessa localidade são negras, por esse motivo algumas pessoas têm tentado nos últimos anos provar que o povoado é um remanescente quilombola, a fim de conquistar o reconhecimento do governo. O povoado sofreu bastante por descasos dos governos competentes, deixando os moradores em condições subumanas, mas essas pessoas sobreviveram mesmo com o desprezo dos governos e com os preconceitos das pessoas do próprio município por causa da precariedade do local e por ser uma comunidade negra.

Com isso surgiu a ideia do trabalho vídeo-documentário sobre a história do povoado, através das falas dos próprios moradores da comunidade, mostrando como tudo começou no povoado, através de olhares de escritores, professores e principalmente de pessoas mais velhas ou que fizeram parte da história da comunidade Maracujá. A intenção é mostrar ainda por meio desse trabalho, como está o povoado atualmente e o que os moradores ainda anseiam, pois muitas coisas ainda precisam melhorar na localidade. A história do povoado é cheia de luta pela sobrevivência. Assim, o vídeo pretende descrever um pouco sobre algumas pessoas que se tornaram atores principais no desenvolvimento do povoado, como Rita do Maracujá e a escrava Martinha.

Os métodos que utilizamos para a realização da pesquisa que antecedeu a elaboração do vídeo foram a pesquisa bibliográfica, a realização de entrevistas com os moradores do povoado e outros que conheciam um pouco da temática trabalhada, além de visitas exploratórias na comunidade para entender mais sobre ela.

Objetivos

Geral

- Fazer um vídeo-documentário Contando a história do povoado, abordando a sua origem e um pouco de seu desenvolvimento;

Específicos

- Mostrar algumas transformações do povoado a partir da ação da líder comunitária Rita do Maracujá;
- Apresentar as características atuais do povoado;
- Dar maior visibilidade ao povoado e à sua história de resistência, divulgando um pouco da sua cultura e modo de vida.

Justificativa.

A escolha desse povoado se deve a situação peculiar de isolamento em que vive até hoje a sua população, de origem afro-descendente, agravada pela carência de ações governamentais que proporcionem as condições básicas aos seus moradores. Desta forma, a realização desse documentário deseja contribuir com a melhoria do atual cenário desfavorável em que se encontra essa comunidade, através do registro e divulgação da sua história e transformações, oportunizando uma maior visibilidade e sensibilização por parte dos governantes e da comunidade acadêmica regional.

Um dos aspectos relevantes abordado neste documentário está relacionado às diferentes versões sobre a origem do povoado Maracujá, as quais envolvem argumentações discordantes entre uma possível remanescente quilombola.

Além disso, este trabalho se propõe a retratar as tradições presentes na cultura do povoado Maracujá, estabelecendo conexões entre o seu modo de vida atual e os costumes que remetem a sua origem. Ao utilizar uma linguagem audiovisual clara e objetiva, pretende-se que a própria comunidade possa ter um

olhar sobre sua história, tendo valorizado e fortalecida a sua cultura e assim se motive em busca de melhorias para a sua localidade.

Outro olhar importante na construção desse produto audiovisual é a de evidenciar a falta da inclusão de políticas básicas de assistência nesta localidade, pois ao dar voz aos vários problemas que a comunidade ainda enfrenta, esse projeto pode auxiliar aos governantes na identificação de ações prioritárias a serem implementadas.

Como consequência dessa desassistência política, se observam problemas de saúde, causados principalmente pela falta de saneamento básico e fornecimento de água tratada à população, além do grande êxodo rural, praticado predominantemente pelos jovens da comunidade que não encontram perspectivas de trabalho e renda voltados à realidade daquela região.

Diante deste cenário desfavorável, esperamos que a produção desse documentário colabore com o objetivo de tornar pública a realidade do povoado Maracujá para estudantes, professores, governo e demais integrantes da sociedade que passarão a conhecer melhor a história de vida desses bravos cidadãos coiteenses, para que assim despertem para a necessidade de somar esforços na busca de soluções que oportunizem melhores condições de vida a essas pessoas.

Ademais, este trabalho tenta através da realização dos seus objetivos cumprir um dos papéis primordiais da academia, qual seja o de promover o desenvolvimento da região onde atua, contribuindo para a compreensão e a valorização da cultura local.

Descrição dos Capítulos

O primeiro capítulo do trabalho versa sobre o seu objeto, ou seja, o povoado Maracujá. Buscamos fazer um resumo da história e características do Maracujá com base em pesquisa bibliográfica e de campo. Assim, apresentamos algumas informações sobre a origem do povoado através dos relatos das poucas pessoas que a conhecem. Falamos ainda sobre a líder comunitária Maria Rita Marcelina Silva, a Rita do Maracujá, que nasceu no povoado de Juazeirinho e quando adulta passou a morar no povoado Maracujá, trazendo mudanças significativas para a comunidade.

No segundo capítulo dialogamos com alguns autores como Roy Armes, Bill Nichols, Robert-Breslin, Rudi Santos, entre outros, a respeito de questões relativas aos aspectos técnicos e sociais do vídeo-documentário e a sua importância para a divulgação de informações e conhecimento, assim como para a promoção de reflexões na sociedade contemporânea. O objetivo desse capítulo é tratar sobre o suporte utilizado, ou seja, sobre o vídeo-documentário, abordando elementos da linguagem audiovisual. Falamos sobre o vídeo, conceituando seus processos iniciais e contextualizando seus avanços e desafios. Esse capítulo traz ainda uma revisão de parâmetros importantes sobre a produção de som e imagem, como as noções de luz, enquadramento e trilha sonora, assim como aborda sucintamente sobre o gênero documentário, seus conceitos, sua linguagem, e seus modos de fazer.

O terceiro capítulo é destinado à descrição das fases de pré-produção, produção e pós-produção, onde explicitamos as atividades realizadas: as gravações, as viagens, todo material preparado para que o trabalho acontecesse etc. Descrevemos ainda os passos finais do trabalho, o que engloba as decupagens, processo de edição e ajustes feitos após o término do vídeo.

Público Alvo

Esse trabalho é dirigido, primeiramente, às pessoas do povoado, pois são eles os autores principais da história. O vídeo também poderá ser utilizado por governos e ONGs com o intuito de levar melhorias ao povoado. Poderá também ser utilizado como pesquisa acadêmica, ampliando o conhecimento sobre a região. É, enfim, voltado para todos os coiteenses e interessados pela história do povoado

1. POVOADO MARACUJÁ: HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO

1.1 Características do povoado Maracujá

Não há registros formais sobre a história do povoado Maracujá. O que existem são algumas pesquisas realizadas no povoado há alguns anos por alguns intelectuais com o intuito de conhecer a cultura deste povo de modo de vida rural. Nesse trabalho buscamos algumas informações sobre a história do povoado através das poucas pessoas que a conhecem, inclusive evidenciando algumas das contradições entre as versões desses personagens.

Uma das peculiaridades do Maracujá é que quase a totalidade da sua população é negra, diferindo neste aspecto dos demais povoados e da população que vive na sede de Conceição do Coité, localizada a apenas 18 km do povoado. Por essa característica, surgiram nos últimos anos discussões de que o povoado poderia ser um remanescente quilombola, o que tem sido defendido por alguns estudiosos como a professora Maria Lúcia Parcero, do Campus XIV da Uneb de Conceição do Coité, que fez uma tese com a temática sobre o povoado, abordando sobre as crenças e a vida daquelas pessoas, e principalmente por alguns integrantes do povoado Maracujá, cientes dos benefícios que o reconhecimento desse título poderia trazer à localidade através das atuais políticas governamentais de inclusão social.

Entretanto, através da pesquisa de campo realizada para a elaboração deste trabalho, pudemos constatar que essa discussão não perpassa pelo conhecimento da maior parte dos moradores do povoado, e que alguns dos que têm conhecimento sobre o assunto não desejam ser reconhecidos como povoado remanescente de quilombo ou não entendem muito as implicações de um possível reconhecimento, por haver um grande preconceito por parte da região, em relação às pessoas do povoado e pelo assunto ser novo na localidade.

Para o escritor Orlando Matos Barreto, um dos principais pesquisadores sobre a história do povoado, apesar de sua origem aparecer em alguns aspectos relacionados à história da escravidão na região, a possibilidade de o Maracujá ser remanescente de quilombo é muito remota, uma vez que, segundo suas pesquisas, o povoado teve origem a partir de quatro irmãos que compraram as terras por volta

de 1920, informação obtida através do censo. Segundo o pesquisador, esses quatro homens com suas famílias permaneceram nessa região conhecida hoje como Maracujá. Essa informação é ratificada pelo depoimento de alguns moradores da comunidade.

O povo que vive no Maracujá tem uma história triste, sofrida pela falta de água, de energia, de postos de saúde, de transporte e de acesso à educação, sendo que parte de sua sobrevivência vem de plantações de grãos como feijão e milho, do plantio do sisal, e do trabalho pesado na extração e no tratamento da planta no motor.

O plantio e a extração do sisal, característico da região e que foi preponderante como forma de sobrevivência durante vários anos no povoado, é um trabalho pesado e de pouca lucratividade para os trabalhadores rurais que atuam nestas atividades. A riqueza advinda dessa cultura fica restrita aos donos das fábricas, que comercializam o produto em dólar e não dividem os lucros obtidos com os trabalhadores dos motores de sisal.

A localidade tem aproximadamente trezentos habitantes, porém, poucos moradores têm renda fixa e algumas famílias dependem dos aposentados para sobreviver. A região onde se encontra o povoado é muito carente de oportunidades e a principal fonte de renda dos moradores é a subsistência familiar.

Outro desafio que os moradores enfrentavam e, mesmo que de forma menos dura, ainda enfrentam, é a escassez de água no povoado, pois não havia cisternas para acumular água da chuva. Assim, era necessário que fossem feitas grandes jornadas em busca deste bem precioso, essencial à vida.

Somente no final dos anos 1990 alguns programas sociais começaram a chegar ao povoado, tendo como resultados a implantação de cisternas para guardar água, a fim de substituir os “tanques”¹, e a construção de algumas casas populares pela iniciativa municipal². A primeira das casas construídas foi a da líder Rita do Maracujá, no ano 1997.

As cisternas foram construídas no povoado em meados do ano 2000 e melhoraram bastante a situação da localidade. Apesar desta inovação, a falta d’água

¹ Depressões naturais no relevo que empoçam a água da chuva, gerando uma espécie de reservatório de água a céu aberto, exposto a todo tipo de sujeira e que serve inclusive aos animais.

² A construção se deu durante a gestão do então prefeito Everton Rios de Araújo e do vice-prefeito, conhecido como Resedá.

ainda é um grande problema no povoado, pois quando não chove as pessoas ainda recorrem aos tanques para obter água.

Outro meio de sobrevivência tradicional ainda realizado na década de 1990 era a comercialização de esteiras de pindobas na sede do município, sendo, no entanto, necessário percorrer muitos quilômetros para encontrar o material para fazer as esteiras. Esse comércio ainda hoje é realizado por algumas pessoas.

Por falta de oportunidade no povoado Maracujá, desde a década de 80, e até mesmo antes disso, muitos jovens passaram a buscar meios de sobrevivência em grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, entre outras. Em muitos casos esses jovens tinham pouca ou nenhuma qualificação profissional e acabavam fazendo trabalhos pesados nessas cidades durante anos para ajudar suas famílias que permaneciam no povoado.

No entanto, a educação é uma grande preocupação para a maioria dos moradores. Há muitos anos os jovens, a fim de estudar, se deslocam de suas casas para outros povoados ou até mesmo para a cidade de Conceição do Coité e o interior de Riachão do Jacuípe, distrito de Chapada situado a alguns minutos do povoado.

A partir dos anos 1990 a localidade passou a ser notada por políticos, que começaram a visualizar a comunidade com propósitos eleitorais. Apesar de anos antes a líder comunitária Rita do Maracujá já buscava através das autoridades e governantes melhorias para o povoado, no decorrer dos anos não se viu muitas transformações em benefício do povoado. Durante muitos anos de luta poucas mudanças ocorreram em áreas importantes como saúde, comunicação, educação, empregos, dentre outras.

Uma das poucas áreas em que ocorreram mudanças foi na iluminação, que antes era à base de lampião e candeeiro. Essa transformação ocorreu na transição dos governos de Everton Rios de Araújo Filho e Wellington Passos de Araújo, do ano 2000 para 2001. Hoje existe eletricidade nas casas dos moradores depois de muitos anos de sofrimento e esquecimento dos órgãos competentes e graças ao empenho da líder comunitária Rita do Maracujá.

Com a chegada da eletricidade algumas coisas mudaram no povoado. A comunicação entre os próprios moradores melhorou, pois muitos adquiriram aparelhos telefônicos, televisão e antenas parabólicas em suas casas, benefícios

que eles não pensavam conseguir por causa da situação financeira do povoado e, sobretudo, pela inexistência de eletricidade no local.

No campo da educação, muitos adultos e idosos não concluíram nem o primário, pois não tiveram oportunidades em seus anos de juventude. As labutas do dia-a-dia nas plantações, os cuidados com os filhos e muitas vezes os trabalhos em motores ou trabalhos em fazendas alheias, dificultavam bastante o aprendizado. Esse ainda é um grande problema, pois muitos não querem estudar por achar que não necessitam ou não têm mais tempo para isso. Outra situação vivenciada hoje é a de muitos jovens que conseguem se formar e permanecem no povoado cuidando de seus familiares mais velhos ou para trabalhar cuidando das plantações e animais.

Foi com grande esforço que o povoado sobreviveu em meio a tantas limitações, aproveitando cada oportunidade que a terra fornecia como a caça de vários animais, a pesca em tanques da região e a comercialização de frutas na cidade de Conceição do Coité.

Há algum tempo as melhorias foram chegando, como luz elétrica, casas populares e cisternas em cada domicílio. Mas um dos grandes problemas continua sendo a falta de oportunidades para os jovens locais, que se deslocam em sua maioria para os grandes centros, e a falta de melhores condições de vida para o povo, como saneamento básico, programas de valorização à cultura e pavimentação das estradas que ligam o povoado à sede do município.

Toda inspiração para lidar com as dificuldades e para continuar buscando melhorias para o povoado foram herdadas de pessoas que lutaram para deixar um legado de força e determinação para os próximos moradores, colaborando para escrever uma trajetória de resistência para o povoado. Mesmo sem ajuda de governos ou até mesmo da sociedade civil, eles tiveram pessoas importantes em sua história que contribuíram bastante para o desenvolvimento da comunidade, como por exemplo, as professoras Rita do Maracujá e Eliene, que fizeram muito por essa terra, assim como Lourival de Oliveira Souza, atual líder comunitário.

De acordo com as pesquisas realizadas pela professora pesquisadora Lucia Maria de Jesus Parceró e pelo escritor Orlando Matos Barreto, percebe-se que além das necessidades básicas como saneamento e educação, outras questões de grande relevância no povoado do Maracujá foram deixadas de lado pelos governantes.

Alguns assuntos como a identidade negra na região, e outros temas públicos como cidadania e cultura não têm sido discutidos ao longo dos anos por setores da sociedade e nem mesmo por parte do governo municipal, a fim de trazer benefícios para o povo deste local.

Foram realizados poucos trabalhos para entender melhor a situação do povoado e sua história. Há cerca de dez anos, professores e estudantes começaram a se interessar pelo tema e pelo povoado devido à suposição deste ser remanescente de escravos. De acordo com a professora e pesquisadora Lúcia Parceró em sua tese de doutorado *Povoado Maracujá; sua gente, sua língua, suas crenças* (2007), que investigou a influência da cultura africana em alguns aspectos do modo de vida desse povo, a localidade é remanescente quilombola e foi iniciada por quatro irmãos que chegaram nessas terras no começo do século XX. De acordo com o trabalho da professora, na época da realização de suas pesquisas o povoado era composto por quatrocentos habitantes.

Dentre os temas estudados, Parceró (2007) aborda a religião praticada no povoado. Embora aponte que o candomblé é a religião dominante na comunidade, registrou que muitos não queriam falar por medo da discriminação que a religião de matriz africana sofre por parte dos moradores da região. Assim, segundo a pesquisadora, a comunidade pratica de forma velada o candomblé, vivenciando seus ritos e rituais de maneira discreta, escondida e muitas vezes misturadas a alguns ritos católicos, como veremos na fala de um morador da cidade coiteense, apresentada no trabalho da autora. Muitos seguem, oficialmente, a religião católica.

Doc. E quanto à religião, você conhece alguma característica particular da comunidade? *Inf.* Eu sei que eh... tem um grupo de candomblé lá, mas não sei detalhes. Não sei lhe dizer também o que fez eles participarem cá (igreja) e lá... eu acho que sim. (*apud* Parceró, 2007, p. 28).

Outro aspecto relevante trazido pela pesquisa de Parceró para compreender a influência da cultura africana e visualizar traços da descendência de escravos no povoado é a identificação e análise de alguns elementos linguísticos utilizados pelos moradores, como termos de origem africana e formas de pronunciar algumas palavras e expressões características dos escravos. Ainda segundo a pesquisadora em entrevista concedida para o vídeo produto desse projeto, o povoado sofre preconceito por parte das pessoas da sede do município por suas características

rurais e por sua forma de falar, sendo os moradores considerados como pessoas menos inteligentes por isso.

Orlando Matos Barreto, em seu livro *Martinha, escrava, esposa e rainha* (2004), fala a respeito de uma ex-escrava que viveu nas regiões próximas a Juazeirinho, distrito de Conceição do Coité. Martinha se casou com um dos fazendeiros da época, mesmo ainda sendo escrava. Segundo Barreto, ela lutou para resgatar seus irmãos e filhos da escravidão em meados 1865. Aos poucos os libertados foram sendo incorporados aos trabalhadores da freguesia de Nossa Senhora de Conceição do Coité. Martinha tem uma ligação próxima com o povoado Maracujá, pois seus familiares começaram a se espalhar pelas regiões vizinhas, formando assim, em parte, o povoado Maracujá. De acordo com o escritor e pesquisador até hoje existem descendentes dessa mulher na comunidade.

1.2 Rita do Maracujá

O Maracujá começa a passar por algumas transformações na década de 1960, com a chegada da professora Maria Rita Marcelina Silva, que morava no povoado de Juazeirinho, e que a partir de sua morada no local passa a ser conhecida por muitos como Rita do Maracujá.

Algumas pessoas achavam que ela não era capaz de ensinar, no entanto com bastante esforço ela recebeu o cargo de professora, ensinando no povoado Maracujá e em outros povoados. Filiada ao partido conhecido na cidade como o partido dos azuis (PL e PMDB), ela começa uma trajetória que faria diferença na localidade. Mais tarde sai do partido dos azuis para o dos vermelhos (PP e PFL). Essa mudança se deu pela necessidade que Rita tinha de ajudar a sua família através do emprego como professora da região, além de contribuir com o desenvolvimento do povoado. Tornou-se líder comunitária anos mais tarde, e travou uma luta em favor dos moradores e do povoado.

Através de sua garra entrou no meio político, trabalhando pela prefeitura municipal da cidade de Conceição do Coité na década de 1960, porém, em seus anos de liderança, buscava melhorias para o local, sendo responsável pela fundação da Associação de Moradores do povoado. Trabalhou a fim de conseguir um posto de saúde, uma escola melhor para uma educação mais eficaz para todos, asfalto para a

estrada principal, energia para o povoado e outros benefícios que sempre estava buscando através dos políticos que ela apoiava e lutava em prol das candidaturas.

Rita não conseguiu, em vida, ver a realização daquilo que tanto buscou, que foi a energia para o povoado e a construção de muitas casas. Isso só se tornou realidade alguns anos depois da sua morte, que aconteceu em 1998, aos quarenta e nove anos de idade. A energia e a construção das casas vieram através de alguns programas governamentais, que ela sempre lutou, entre outras coisas, para que chegassem até o povoado.

Através de seu trabalho, mesmo com dificuldades, conseguiu algumas mudanças importantes para a comunidade, que hoje está melhor do que anos atrás. Com bastante luta os moradores conseguiram televisão, geladeira, sofás, e alguns com seu carro próprio. Essas conquistas se deram com mais ênfase a partir da década de 1990. Rita do Maracujá se tornou uma mulher conhecida em toda a cidade de Coité e seus povoados por sua determinação em cuidar de sua família e do bem estar dos moradores deste local.

1.3 Negritude e Racismo

Munanga (1986, p. 44) afirma que “o negro tem de buscar estratégias a fim de conseguir sua identidade”, valorizando a sua cultura para assim buscar descobrir suas origens e depois valorizar suas tradições, sua terra, suas famílias, perpetuando assim tradições de grande valor para a sua vida.

Para Munanga (1986, p 213), é essencial cada comunidade reencontrar o fio condutor que a liga ao seu passado ancestral, o mais longínquo possível. É necessário que os negros resgatem a história que permita recapturar a sua identidade e tirar dela o benefício necessário para reconquistar seu lugar no mundo moderno.

Munanga (1996) usa a frase de Florestan Fernandes para iniciar uma discussão a respeito do racismo: “no Brasil se tem preconceito de se ter preconceito”. Dando continuidade à sua reflexão, o Brasil, assim como outros países, carrega uma bagagem enorme de exclusão do negro, assim como aconteceu na Alemanha nazista, na África do Sul com o *apartheid* e nas sociedades escravistas, que praticaram o racismo institucionalizado. Para o autor, atualmente os países da América do Sul praticam o racismo de forma diferente.

O Brasil é um país preconceituoso de forma silenciosa, onde se coloca a culpa sempre no vizinho. Ninguém quer admitir ser racista no Brasil, foi o que indicou a revista Folha em uma pesquisa realizada no ano de 1995 que perguntou à população sobre preconceito racial. A maior parte dos entrevistados negou ser racista, sendo que muitos procuraram desculpas para dizer que não excluem o outro da sociedade.

Mas o que se percebe é outra situação, um país no qual as coisas são realizadas de forma velada, onde as tradições negras são desvalorizadas, um racismo bruto é praticado por empresas no que se refere a empregar funcionários negros e a educação oferecida pelo Estado dá à população negra (que também é a mais pobre) as piores oportunidades. O negro tem dificuldades de participação no meio político, na mídia e em outros setores da sociedade, sendo quase sempre discriminado e esquecido. E tudo isso tem sempre a responsabilidade atribuída ao passado escravista, como que se fosse uma justificativa válida para desqualificar o negro, pois de acordo com o autor isso não justifica ações preconceituosas para com o negro (MUNANGA, 1996).

Por causa disso percebe-se a importância dos negros buscarem sempre sua identidade cultural e ancestral, para saber agir e defender seus direitos dentro do contexto atual em que vivem como qualquer cidadão.

Rubim (2003) fala sobre os desafios para se construir uma cidadania plena, pois alguns desafios como a concentração de poder nas grandes organizações governamentais e instituições é um dilema difícil de desfazer, pois fazem com que os direitos e os deveres dos cidadãos fiquem de certa forma esquecidos, mas, sobretudo, os direitos do cidadão. Segundo o autor, a desigualdade social intensa e a concentração de renda e poder no Brasil aparecem como um dos maiores perigos para a realização plena da cidadania, pois sem a superação de tais flagelos fica difícil uma realização ampla e satisfatória para introduzir no cotidiano uma maior valorização do cidadão e de seus objetivos.

Os moradores do povoado Maracujá experienciam uma situação precária de sobrevivência: vivem com dificuldade e recebem muito pouca assistência ou atenção do Estado. Falta maquinário para trabalho, saneamento básico, abastecimento de água encanada, atendimento médico e políticas de defesa da terra. Esse aspecto pode ser entendido como outra forma de experiência de racismo, explicitada por Foucault (1999).

Foucault explica os mecanismos de controle do Estado moderno de *fazer viver* ou *deixar morrer* os seus cidadãos, que se contrapõem aos utilizados pelo poder soberano, em que o Soberano tinha controle disciplinar sobre os corpos por meio do direito de morte, ou seja, controlava a vida pela possibilidade de matar, o que configurava o direito de *deixar viver* ou *fazer morrer*. Esmiuçando a questão, Foucault argumenta que no Estado moderno, em que a função do poder político é fazer viver os seus cidadãos, o Estado só pode expor à morte ou deixar morrer através do racismo.

Nesse contexto, Foucault define o racismo como “o meio de introduzir nesse domínio da vida de que o poder se incumbiu um corte: o corte entre o que deve viver e o que deve morrer” (1999, p. 304). Acrescenta como característica do racismo a distinção e hierarquização das raças e a qualificação de algumas como boas e de outras como inferiores e indica como uma de suas funções a promoção da fragmentação da população. O racismo autoriza o direito do deixar morrer, justifica a morte da raça ruim ou inferior, do degenerado ou anormal, o que garante uma vida mais sadia à coletividade. Nesse sentido, pode morrer não o indivíduo que não se adequa, mas aquele que não é necessário e isso pode ser entendido do ponto de vista econômico, político ou social.

Por tirar a vida não entendo simplesmente o assassinio direto, mas também tudo o que pode ser assassinio indireto: o fato de expor à morte, de multiplicar para alguns os risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc. (FOUCAULT, 1999, p. 306).

Diante da argumentação de Foucault, o abandono dessa população a condições adversas e a uma situação de marginalização social não pode ser encarado com a ingenuidade do acaso ou justificada apenas pela pobreza, opção de isolamento ou questão de classe.

Segundo Peruzzo (*apud* Vieira, 2003) os direitos civis e individuais vêm a crescer de forma significativa a partir do século XVIII, quando surge a noção de cidadania e no qual aflora a busca pelos direitos sociais, como educação, saúde e direitos trabalhistas. Peruzzo continua descrevendo os direitos sociais e afirma que nos séculos XX e XXI outros direitos começaram a surgir na sociedade, relacionados à orientação sexual, ambiental, direito à religiosidade e nacionalidade, possibilitando uma busca maior por eles.

Podemos entender a reivindicação do reconhecimento da comunidade como remanescente quilombola pelo Estado como uma das estratégias de resistência encabeçadas pelas lideranças do povoado, a fim de transfigurar características que sempre dificultaram a sobrevivência da comunidade em benefícios concretos para o povoado através dos incentivos do governo ligados as atuais políticas de reparação e inclusão social. Através desse reconhecimento a comunidade receberia um olhar mais atento dos órgãos públicos e da sociedade em si, ganhando mais legitimidade, inclusive para as suas práticas culturais.

Diante dessas questões, o vídeo proposto tem o potencial de cumprir um importante papel social para a região de Conceição do Coité e principalmente para a comunidade Maracujá, uma vez que se propõe a contribuir para a valorização da cultura local, abordando algumas questões sobre sua identidade e cidadania e dar alguns esclarecimentos sobre o povoado.

O vídeo também é uma forma de chamar atenção dos poderes públicos para visualizar a comunidade como uma região que necessita de apoio à cultura, cidadania e melhores condições de vida. Através da narrativa de caráter documental a localidade será mostrada como um lugar que foi desvalorizado por muitos anos, apesar de sua história de luta e de todo o seu valor.

2. O SUPORTE

2.1 O vídeo e seu contexto social

Esse capítulo se destina a abordar o papel do vídeo no meio social, com foco na sua capacidade em trazer à tona as especificidades de um determinado objeto social. Aos termos como objeto uma comunidade tradicional, essa capacidade do vídeo pode revelar e valorizar a história e costumes dessa comunidade aos próprios personagens representados, assim como aos demais espectadores da sua narrativa. Dessa forma, explicitaremos as possibilidades que a representação através da imagem e o som pode trazer como contribuição na vida de uma comunidade. Por isso torna-se necessário compreender os mecanismos desse tipo de suporte que vem se popularizando a cada ano.

O audiovisual, ao contrário do que muitas pessoas e instituições poderão dizer, não é um meio ou suporte limitado somente ao cinema, ou a grandes apresentações. Dentro de uma pequena comunidade podemos também desenvolver várias formas de se usar o som e a imagem em seu benefício. Arnes (1999) relata a respeito das possibilidades de aplicação do vídeo, como um suporte que é bastante utilizado no meio televisivo e esportivo, no entanto seu papel vai além dessas formas de aplicação. Assim como qualquer produto audiovisual, o vídeo pode ser utilizado com fins lucrativos, mas é possível também trabalhar com pequenas produções, narrando fatos que acontecem no cotidiano das pessoas. O vídeo é capaz de unir vários públicos, e com pequenas produções familiares, pode contar a histórias dessas famílias.

No decorrer dos anos, vários públicos perceberam a grande importância que essa linguagem possui, popularizando o seu uso por meio das facilidades advindas dos avanços tecnológicos nos equipamentos utilizados na produção, e no uso crescente da Internet para a divulgação dos seus produtos audiovisuais. Rodrigues (2005) diz que a popularização do que hoje é denominado ou chamado de vídeo, foi um processo lento. Segundo o autor, quando uma invenção é colocada no mercado, já se tem um bom período de testes, que nesse caso já vinham sendo feitos por profissionais com acesso a tecnologia e por grandes empresas de televisão, para

então depois disponibilizar o vídeo para os seguimentos sociais que o utilizam para alguns fins.

Ainda de acordo com Armes (1999), a reprodução de imagem e do som ao longo dos anos passou por três fases. A primeira foi a revolução eletrônica que se deu com as transmissões de rádio, na década de 1920; a segunda aconteceu com o desenvolvimento da televisão; e dando continuidade às fases anteriores, veio a introdução das gravações eletromagnéticas após a segunda Guerra Mundial.

No século XX o cinema ganha força por ser o único meio de produção audiovisual existente até então. Um elemento sonoro característico do início do cinema, quando este era ainda “mudo”, e que é frequentemente esquecido, é a apresentação verbal do mestre de cerimônias. Esse apresentador ficava ao lado da tela, guiando a audiência na recepção das imagens, localizando cenas, identificando os personagens e contando a história, criando assim um contexto verbal no quais as imagens eram vistas e apreciadas.

Depois a televisão passa ser um suporte existente na vida da grande maioria da população, sendo seus produtos consumidos em massa. O consumo em massa das histórias exibidas na televisão vem evoluindo a partir da percepção dos autores quanto ao interesse do público e pela produção de obras com temas relevantes para a sociedade. Bernard (2008) relata que uma boa história do cinema envolve cenas que cativem o interesse do público, leitores, ouvintes e espectadores, envolvendo-os em vários níveis, como o emocional e intelectual, para motivá-los a assistirem o que venha a seguir no trabalho audiovisual.

Quando aplicamos esse suporte no meio social, nota-se que o vídeo poderá trazer benefícios importantes para a comunidade retratada, pois permite registrar a sua história, costumes e tradições. Dessa forma, esse suporte pode oportunizar o resgate e a valorização dos acontecimentos entre as gerações, contribuindo na compreensão de fatos importantes para na sua memória e compartilhando conhecimento ao público interessado.

De acordo com Armes (1999), não basta mostrar vídeo como ele reproduz os sistemas de imagem e som desenvolvidos pelo cinema e pela televisão. Devemos também lembrar que ele adota um processo de gravação análogo à fita de som magnética, cuja gama de aplicações e potencial de produção reflete, de modo integral, as possibilidades plenas do meio. Portanto, as limitações da costumeira linha de abordagem cinema – televisão – vídeo, podem considerar o vídeo como

suporte principal para as grandes interlocuções existentes em cada lugar do sistema global, para assim ressaltar a grande importância que executa tal suporte para identificar necessidades ou importâncias em cada local.

A evolução do som e imagem aconteceu de forma a trazer muitas mudanças na sociedade, passando pela eletricidade e eletrônica, revolucionando os meios de comunicação. Traz consigo a interação com os fatores econômicos, sociais e culturais, transformando os meios de comunicação de uma forma a causar grande impacto na indústria cultural, quando se refere à questão de desenvolvimento da comunicação, e nas formas de aplicação nos meios sociais (ARMES, 1999).

2.2 O Gênero Documental

O documentário é um gênero do audiovisual que se caracteriza pelo compromisso de representar o real. Reforça a ideia de que o documentário pode representar uma argumentação sobre temas históricos ou atuais na vida cotidiana das pessoas, em algumas ocasiões diferentes de um filme de ficção, por exemplo, que narra uma história imaginária.

Assim, o documentário é uma representação da realidade, uma narrativa a partir do olhar do cineasta, voltada para a apreensão e apresentação de aspectos do mundo histórico, aquele em que estamos inseridos. Podemos dizer que é uma visão de mundo, trazendo formas e traços do mundo histórico, aquele compartilhado, pois ele nos oferece um conhecimento importante sobre a história e as ideias existentes no mundo (NICHOLS, 2005).

No entanto as representações se tornam inadequadas quando não há evidências do tema trabalhado no produto audiovisual, pois é essencial a convivência com a temática estudada, sendo imprescindível que o cineasta e produtores estejam cientes do papel social do tema analisado (NICHOLS, 1997).

Nichols (2005) diz ainda que o documentário não adota nada fixo, como um conceito definitivo do gênero ou sobre como um documentário deve ser dirigido ou produzido. O autor coloca que isso é algo que está sempre em transformação. Há cineastas sempre fazendo mudanças, diminuindo ou acrescentando algo em suas técnicas, pois acaba sendo para uns, uma visão pessoal sobre o que se pretende mostrar no produto documental, pois não se usa uma única forma de representar

nesse gênero. Diferente de outros filmes, nada pode imitá-lo completamente; suas abordagens são variadas, buscando novas alternativas para fazer um produto de melhor qualidade, ou melhor, representar um tema.

Assim, para Nichols (2005) o documentário é composto por seis modos de representação mais recorrentes: O poético, o expositivo, o participativo, o observativo, o reflexivo e o performático. No entanto, de acordo com o autor, essas formas de estruturar os filmes se misturam no decorrer das produções em cada época, e assim um mesmo filme pode ter características de diferentes modos e predominância de cada modo que leva um pouco do outro.

Segundo Nichols (2005), o vídeo documentário precisa ter credibilidade, porém, para que isso aconteça em determinados gêneros, ou sobre que tipo será este produto, os fatos e as imagens precisam ser reais, no entanto uma encenação também pode assumir status de representação do real, como mais um recurso à disposição do documentarista.

Nichols (2005) ainda afirma que com os avanços tecnológicos, e com seu grande poder, o vídeo documentário se fortalece a cada ano, em sua autenticidade no que se refere ao poder de causar grandes impressões nas vidas dos espectadores.

2.3 A técnica

Não é apenas usando os efeitos sonoros, as mudanças de ângulos nas cenas, as câmeras profissionais ou os melhores aparelhos eletrônicos de iluminação do mercado, que se faz um bom produto audiovisual. É preciso ter um bom direcionamento do que se deseja mostrar ao seu público alvo e, talvez o mais importante seja um bom diálogo com os atores, sendo eles profissionais ou não, pois essa interação facilita alcançar que se quer mostrar em cada gênero específico.

Segundo Bernard (2008), para ter um ótimo filme é importante que os membros da equipe da produção participem das filmagens. Caso isso não aconteça, é essencial envolver o cinegrafista dentro da história, pois ele não é simplesmente um profissional que faz tomada, ele pode ir muito além disso, agregando uma maior beleza estética ao documentário. Bernard diz também que ser capaz de enquadrar as imagens com beleza, não é a mesma coisa que enquadrar com beleza imagens significativas.

É de suma importância antes de filmar analisar outros filmes que contenham sonoras para entender quais procedimentos e ângulos se utilizam em um determinado filme. Com isso é possível decidir mais facilmente como serão feitas as entrevistas, quais suas intenções, e determinar se vai aparecer ou não na câmera. Segundo a autora, sempre acontecerão imprevistos nas filmagens e por isso conhecer a história não é um opção e sim algo essencial para se ter um bom filme e saber quais decisões emergenciais deve-se tomar na hora das gravações (BERNARD, 2008).

Os filmes avançam no tempo e levam consigo públicos. É seu desejo que também a narrativa avance, e faça-o para motivar a apresentação da exposição. Em outras palavras, quer-se que o público esteja e se mantenha curioso sobre a informação passada para eles. Para que isso aconteça é preciso não perder o foco da história, não deixando que o filme perca seu sentido, desestimulando assim o desejo do público. No entanto contar um pouco de história pregressa, o “como chegamos até aqui”, costuma ser interessante (mesmo se a história acontecer no passado (BERNARD, 2008).

Ainda de acordo com Bernard (2008), é essencial ter um fio condutor para o trabalho audiovisual, que contará a história do início ao fim. Às vezes haverá desafios para se manter essa sequência, no entanto pode-se aproveitar essa mudança para obter mais informações sobre o tema e logo após poderá retomar a história dando continuidade à narrativa sem perder a ideia central do vídeo, possibilitando ao espectador entender a história mesmo com os pequenos deslizes no decorrer do filme.

A relação das palavras entre os personagens é importante para qualquer produto audiovisual e seu entendimento do que mostrar para seus espectadores, mas é sempre bom lembrar que as imagens, os sons e as palavras têm que estar sempre bem conectados uns com os outros. Pode se ter também uma linguagem apenas utilizando o som e a imagem, como era o cinema mudo, que utilizava esses artifícios em comum acordo para mostrar o que se pretendia e prendia muito a atenção do espectador (ROBERT-BRESLIN, 2009).

Em 1960, o cinema mundial tem uma grande mudança. A inovação técnica do som, substituindo o óptico pelo som magnético e a possibilidade de gravar imagens e sons sincronizados em externas, trouxeram importantes mudanças na forma de produzir um produto documental mais eficiente, com a interação mais próxima dos

atores com os espectadores através do som das próprias palavras faladas pelos emissores (RODRIGUES, 2005).

O som sincronizado possibilitou a produção ou realização de documentários que pareciam com o Cinema Direto, pois procuravam uma linha de pensamento ou de características que se aproximam da realidade.

Com o seguimento de som trazido aos documentários pelos novos equipamentos de gravação simultânea de som e imagem pode haver certa pluralidade de personagens nas entrevistas. Rodrigues (2005) cita Marsolais que fala sobre o cinema direto, pelo qual se aproximam as fronteiras que separam o real da ficção e a vida da representação, através de sua própria técnica de filmagem. Podendo assim os documentários e outros produtos audiovisuais se aproximar da realidade com maior autenticidade.

Isso se tornou mais eficaz, devido primeiro, ao modo de filmagem utilizando equipamentos cada vez mais leves e fáceis de transportar. Segundo, poderia-se utilizar mais facilmente pessoas reais para direcionar tal produto para uma forma mais próxima da realidade, facilitando assim a proximidade do cineasta junto ao seu elenco e seu público. O terceiro elemento é devido a possibilidade da utilização do som sincronizado, o que deu uma certa pluralidade aos personagens (RODRIGUES, 2005).

De acordo com Robert-Breslin (2009), é possível através do som criar imaginações visuais, reforçando experiências dos recursos visuais. É importante abordar que a televisão, de acordo com o autor, é como se fosse o rádio ilustrado, pois procura sempre enriquecer suas tramas através de diálogos, mostrando que é melhor entender a TV através do som. Quando o telespectador o ouve e dá mais atenção, entendendo mais do assunto abordado. Por isso é tão importante prestar a atenção na narração e fala dos personagens no momento de produção de um vídeo.

É possível através do som, ouvir as pessoas, dialogar com elas e entender o que gostam o que esperam que aconteçam em uma determinada coisa, ou sobre um filme, e o que está acontecendo no dia-a-dia. As palavras faladas podem ter um significado diferente das impressas, pois em algumas situações não é necessário usar regras gramaticais, pois elas são de fácil entendimento para qualquer pessoa entender o que o emissor quer passar para os ouvintes (ROBERT-BRESLIN, 2009).

3. DESCRIÇÃO DAS ETAPAS ESPECÍFICAS DE REALIZAÇÃO DO PRODUTO

PRÉ-PRODUÇÃO

Pesquisa

De acordo com Bernard (2008), para se ter uma boa narrativa na produção de um documentário é preciso que haja uma boa pesquisa sobre um tema do qual você entenda, a fim de poder apresentar evidências para os espectadores. É preciso dedicar empenho para se fazer um bom documentário, sem deixar de abordar as perguntas básicas sobre o tema, observando os detalhes que facilitarão a sua compreensão por parte do seu público alvo.

No caso deste trabalho é importante também que a própria comunidade, objeto da pesquisa, possa se sentir bem retratada no resultado final do produto, pois o vídeo pode servir como instrumento para reivindicar seus direitos e preservar a sua memória. Além disso, Nichols (2005) aponta o cuidado na representação dos temas e principalmente do *outro* como uma questão de ética fundamental à realização de documentários, obras que têm o compromisso em retratar o mundo histórico, este compartilhado por todas as pessoas.

Para a elaboração do produto, realizamos algumas viagens ao povoado para conversarmos sobre a produção do vídeo documentário com alguns moradores. A nossa primeira viagem foi feita no final de março de 2011, para identificar quais os moradores poderiam falar melhor a respeito da história do povoado, relatando brevemente como seria feita a gravação, e quais temas abordaríamos.

Na segunda visita, fomos reforçar a ideia do documentário para os moradores, explicar basicamente quem seriam os entrevistados, sobre qual tema cada um deles falaria, e combinarmos inicialmente as datas em que poderiam ser feitas as gravações. Devido à greve das universidades Estaduais e um acidente de moto que aconteceu com um dos integrantes da equipe do vídeo documentário, não pudemos fazer as entrevistas que estavam marcadas para o início de abril. No entanto, mesmo com esses imprevistos, continuamos a contatar as pessoas por celular, explicando os motivos da interrupção das entrevistas e logo após a recuperação do acidente continuamos a visitar o povoado e a pensar nas possíveis locações a serem feitas posteriormente.

Na quarta visita ao povoado, as fortes chuvas na região dificultaram o agendamento das datas com todas as pessoas que iriam participar das filmagens. As péssimas condições da estrada para o trânsito, transformada em um lamaçal devido à chuva, impossibilitou a nossa chegada no povoado, sendo possível contatar apenas algumas pessoas. As que não conseguimos entrar em contato nessa ocasião foram contatadas em uma nova viagem ao povoado.

Nesse intervalo de tempo, procuramos o senhor Orlando Matos Barreto, historiador e escritor, que tem uma grande bagagem a respeito da história do povoado. Após muitas tentativas sem sucesso para encontrá-lo conseguimos falar com ele via celular, quando tivemos a oportunidade de explicar sobre o propósito do vídeo, e marcamos uma entrevista. Uma semana antes da data agendada, encontramos casualmente com o senhor Orlando e marcamos formalmente a entrevista para o dia 19 de agosto de 2011. Planejamos também uma sonora com a professora Lúcia Parcero, da UNEB Campus XIV, que fez um trabalho de pesquisa no povoado no ano 2000. Além disso, marcamos uma entrevista com senhor Evaldo Oliveira, um morador da cidade de Conceição do Coité que conhecia um pouco sobre uma suposta senzala próxima ao povoado Maracujá.

Voltando ao povoado Maracujá, fizemos uma sexta visita a fim de definir detalhes para as locações e outras tomadas gerais do povoado. Após isso, fizemos um roteiro de perguntas³, separando-as de acordo com os conhecimentos das pessoas a serem entrevistadas, abordando temas a respeito da história e do desenvolvimento do povoado. Nessa ocasião deixamos uma cópia do questionário com algumas das pessoas que seriam entrevistadas.

Após essa visita ao povoado, fizemos um novo contato com o escritor Orlando Matos e a senhora Eliene Dantas, professora do povoado, para confirmar as datas das suas entrevistas para os dias 18, 19 e 20 de agosto.

Roteiro de gravação

O roteiro de gravação foi pensado de forma sequencial, partindo da história do povoado Maracujá, permeando pelo seu desenvolvimento ao longo do tempo até a constatação da sua realidade atual.

³ Ver anexos.

Para isso, elaboramos o roteiro de gravação de acordo com as idades e conhecimento das pessoas a serem entrevistadas, ou sua proximidade com a temática escolhida.

Segundo Nichols (2005), um documentário deve apresentar pessoas reais e não atores treinados. Por isso optamos por filmar as pessoas simples desse lugar, a fim de mostrar a realidade que esses cidadãos viveram ao longo desses anos, com falta de oportunidades e de melhorias essenciais em suas vidas.

Dessa forma, identificamos como principal colaborada a senhora Aureliana Oliveira Copa (Dona Nininha), uma das mulheres mais velhas do povoado, para falar a respeito da história do povoado, com foco no seu início e no relato das primeiras tradições da comunidade. Além dela, o senhor Albertino Maia e a senhora Maria da Silva Maia, também integrantes da classe de pessoas mais velhas do povoado, reforçaram um pouco sobre a história do povoado. Falaram das antigas tradições que prevaleciam no início do povoado e que hoje não são mais praticadas pelos atuais moradores, além de abordarem sobre a líder comunitária Rita do Maracujá, que contribuiu para o desenvolvimento dessa região.

O senhor Lourival de Oliveira Souza (Louro do Maracujá) deu continuidade na linha do tempo do povoado, ao falar sobre a sua parente Martinha, uma ex-escrava que fez parte da história do Maracujá, mesmo não morando na localidade. Ele ainda relatou sobre a chegada de quatro irmãos que segundo algumas fontes deram origem ao povoado, além das possibilidades da localidade ser remanescente quilombola. O senhor Lourival também colocou as dificuldades enfrentadas pela região e os avanços que a comunidade conquistou ao longo desses anos.

Outra entrevistada foi a senhora Marizete de Jesus que falou sobre a professora e líder do povoado conhecida como Rita do Maracujá, que travou uma grande luta em favor do povoado, enfatizando um pouco das qualidades da Rita como mulher guerreira e exemplo para a região. Em seguida, a professora Eliene Dantas relatou sobre o seu trabalho com Rita do Maracujá destacando as ações realizadas para a melhoria educação no povoado e a grande contribuição que elas deram à população do Maracujá, trazendo uma escola para a comunidade e lutando para educar e servir ao povo.

O escritor Orlando Matos Barreto contribuiu nas entrevistas ao abordar sua pesquisa no povoado, trazendo mais detalhes sobre a origem do Maracujá e a

respeito da ex-escrava Martinha, identificando também alguns descendentes dela ainda vivos no povoado.

A professora do Campus XIV da UNEB, Lúcia Maria Parceró, pesquisadora que fez sua tese de doutorado sobre povoado no ano 2000, falou a respeito da origem do povoado, assim como sobre alguns moradores e o escritor Orlando Matos Barreto. Ela também abordou a história dos quatro irmãos que chegaram ao povoado, formando assim a comunidade, além de retratar aspectos da religiosidade dos moradores do Maracujá

Entrevistamos também o senhor Evaldo Oliveira, morador coiteense que falou a respeito de uma suposta senzala situada na fazenda pedra branca, próxima ao povoado Maracujá, na qual ele relata que há muitos anos atrás essa fazenda era um lugar de escravos.

Descrição dos personagens e locações

As filmagens foram feitas em frente das casas dos entrevistados, e outros em suas casas, mostrando detalhes das locações, outra sonora e imagens do prédio escolar, pois mostrava os alunos e professores interagindo com a comunidade, tentamos fazer as imagens sem muitas mudanças no cenário, ou seja, nas locações dos moradores, para mostrar algo mais natural.

Os personagens principais do documentário são Aureliana Copa, conhecida no povoado como dona Nininha e por sua memória cheia de conhecimento sobre o passado da comunidade.

O casal Albertino e dona Maria trazem consigo a alegria de viver no povoado e o orgulho por terem vencido muitas barreiras ao longo desses anos para construírem sua família e ajudar no crescimento do povoado.

A senhora Marizete, uma mulher que foi como uma irmã para líder principal do povoado, Rita do Maracujá, apoiando com muita força para que essa mulher prosseguisse sua luta de guerreira dentro da localidade.

O senhor Lourival que faz parte da história do Maracujá, já tendo atuado como vice-presidente da associação quando Rita era presidente, trabalhando juntos para ajudar a mitigar os problemas sociais do povoado, e hoje é o presidente da associação da comunidade do Maracujá.

A professora Eliene Dantas, que ao lado de Rita do Maracujá, ensinou as pessoas da região e lutou para uma melhor educação.

O senhor Evaldo que agregou informações sobre as questões da escravidão na região e a sua relação com o povoado.

O historiador conhecido na cidade coiteense, senhor Orlando Barreto, que resgata a história da localidade, assim como a professora Lucia Parceró, que buscou entender aspectos linguísticos do povoado, tentando associá-los à fala característica dos escravos, abordando também em seu trabalho as crenças dos moradores do Maracujá.

Figurino e maquiagem

Procuramos deixar os entrevistados à vontade em relação a sua maquiagem e seu vestuário, com o intuito de captar algo mais espontâneo.

Cenografia

Tentando retratar com maior naturalidade a realidade da comunidade, no que diz respeito às locações, usamos as próprias casas dos moradores como cenário para realizar as entrevistas. Antes da definição de quais casas seriam filmadas fizemos uma pesquisa exploratória para adequar a proposta cenográfica pretendida à realidade local. Utilizamos também um tecido estampado em uma das locações, devido a cor natural da parede da casa a fim de que esta não interferisse negativamente na qualidade das filmagens.

Fotografia

Os planos foram pensados com a ideia de mostrar as imagens em harmonia com as falas dos entrevistados. Foram utilizados planos gerais para dar uma ideia de como são as casas, e da sua distribuição no povoado. Os planos fechados foram usados para destacar as diferenças naturais, que ocorreram ao passar dos anos, entre as casas antigas e as atuais. Também foram dados *close up* para focar as expressões das pessoas durante as entrevistas mostrando seus sentimentos em

relação ao assunto tratado. Os planos médios foram os melhores para registrar a gesticulação dos entrevistados.

Quanto a iluminação, não houve muitas mudanças, a não ser o uso eventual de um ponto de luz artificial de 1.000 V, quando necessário, porém a maior parte da luz capturada nas imagens foi natural. Também utilizamos um rebatedor, nos casos em que foi preciso compensar a luz natural ou a aparição de sombras indesejadas.

PRODUÇÃO

Equipe e Equipamentos utilizados

O trabalho foi realizado pelos alunos de Comunicação Social, Maicon Emerson Ferreira Mota e Robson Silva, e contou com a contribuição do cinegrafista Reinaldo de Assis, cedido pela WEBTV UNEB, que se deslocou de Salvador até a cidade de Conceição do Coité para realizar as filmagens. Sendo assim, foi necessária a realização de uma reunião preparatória com o cinegrafista na própria comunidade, conforme sugerido por Bernard (2008) sobre a importância de que o cinegrafista esteja por dentro do tema trabalhado, para facilitar as gravações. Nessa etapa contamos também com a colaboração do editor de imagens do laboratório do curso de comunicação social da Uneb Campus XIV, Rodrigo Carneiro, que em vários momentos operou a segunda câmera.

O período de gravações ocorreu entre os dias 19 e 21 de agosto, e contou com um carro locado pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Em relação aos equipamentos foram usadas duas câmeras filmadoras uma profissional Panasonic AG-DVC20 3CCD e uma semi-profissional Sony DCRSR67, foram utilizadas sete fitas Mini DV. Na câmera fixa usamos cinco fitas do Campus XIV de Conceição do Coité, e duas fitas na câmera móvel, além de uma câmera fotográfica semi-profissional Canon 7-D, com objetiva 70-300 mm e 18-55 mm, cedida pela professora orientadora do trabalho, um rebatedor, um tripé e dois microfones (um de lapela, e outro unidirecional, este último também cedido pela professora orientadora do trabalho).

Descrição das gravações

Nas entrevistas utilizamos com maior frequência o plano médio. Essa foi a nossa estratégia para a condução das entrevistas, pois o que importava mais era a história a ser contada do que os recursos estéticos de ângulos e planos sofisticados. Por se tratar de uma temática séria, com discussões importantes, escolhemos fazer uso do plano médio, mais tradicional e mais sóbrio. Nos planos gerais pensamos nas imagens do povoado e das casas, devido à distância entre elas. Outros planos, como detalhes ou *closes*, foram utilizados para mostrar emoções dos entrevistados e movimentos das mãos, pés e objetos, como no caso do samba.

Pensamos numa narrativa em que o espectador pudesse compreender a história trabalhada, envolvendo algumas pessoas da comunidade e alguns escritores para trazer algo mais concreto sobre o povoado, além de trazer mais sonoras dos moradores mais velhos e alguns que ajudaram na construção do povoado a fim de que pudessem contar um pouco da história da comunidade Maracujá. Assim, montamos uma narrativa linear, contando cronologicamente a história do lugar, obedecendo à seguinte estrutura: origem, desenvolvimento e dias atuais.

O trabalho do vídeo documentário teve início no mês de março de 2011, período em que começamos a pensar nas datas que visitaríamos o povoado para falar sobre a ideia do trabalho com os moradores. Nesse meio tempo, começamos a pensar nas informações que queríamos saber das pessoas do povoado. Quando surgiu a ideia do documentário, pensamos em fazer o trabalho referente à questão quilombola no povoado, pois surgiram rumores que o povo era remanescente de quilombo. Posteriormente mudamos um pouco essa visão de como fazer o trabalho, pensando em pesquisar sobre a história e desenvolvimento do povoado, inserindo como personagem principal do trabalho a Rita do Maracujá.

As gravações ocorreram nos dias 18, 19 e 20 de agosto, e no primeiro dia entrevistamos a senhora Aureliana Copa, umas das mulheres mais velhas do povoado. Essa entrevista aconteceu na área em frente da sua casa, com a captura de algumas fotos dela tecendo esteiras e cozinhando. Por ser uma das mulheres mais velhas da região, falou sobre o começo do povoado. Após entrevistar Aureliana, fomos para a próxima entrevista com a senhora Marizete de Jesus, onde tivemos algumas dificuldades com a locação devido a parede da sua casa ser de cor

branca. Optamos por realizar a entrevista em frente da casa, com o desafio da chuva, dificultando assim a gravação. Tivemos que dar uma parada e esperar a chuva cessar para continuarmos a gravação, registrando o seu relato sobre a vida de Rita do Maracujá. Aproveitamos para fazermos algumas imagens do reservatório natural de água, denominado pelos moradores como “fonte” ou “tanque”.

Após a sonora com Marizete ficamos sabendo que a próxima entrevistada, Josefa, não poderia participar das filmagens, pois não estaria em casa na hora marcada. Fomos então à sua casa, mas não a encontramos. Decidimos almoçar na casa de Maria de Souza e em seguida ligamos para o senhor Albertino e dona Maria, pois a entrevista do casal estava prevista para o sábado, dia 20. Com o imprevisto de Josefa, o roteiro mudou e marcamos a entrevista com o casal para aquele mesmo dia. Após o almoço fomos para a casa de Albertino e dona Maria e fizemos a entrevista, filmando seus relatos sobre a história e o desenvolvimento da localidade, além das mudanças que ocorreram nos últimos anos. Fizemos imagens pontuais, como a de uma telha antiga, a da flor do maracujá, do mandacaru, do tanque e da caatinga, para então nos despedirmos do casal e prosseguirmos viagem para a cidade de Conceição do Coité.

No percurso da viagem para a cidade fizemos imagens da fazenda Pedra Branca, local no qual, segundo relato de outro entrevistado, existiu, há mais de cento e cinquenta anos, uma senzala. No mesmo dia, à noite, entrevistamos a professora Lucia Parcero, cuja entrevista estava marcada para o dia 19 de agosto. Como houve um imprevisto, devido a uma viagem de emergência da professora, fizemos a gravação no Núcleo de Pesquisa e Extensão do Campus XIV da UNEB de Conceição do Coité, setor que ela coordena na Instituição. A professora Lúcia falou do seu trabalho, o qual aborda sobre a linguagem e as crenças no povoado, reforçando também fatos da história do Maracujá e como era a comunidade na época de seu trabalho. Logo depois da sua sonora fizemos algumas imagens da professora lecionando na faculdade.

No dia 19 de agosto fizemos algumas entrevistas, começando por Orlando Matos, em seu trabalho, o CEREST - Centro de Referência a saúde do Trabalhador. Ele é um escritor e pesquisador que fez seu trabalho sobre a escravidão na região e sobre a história do povoado, dando detalhes a respeito da escrava Martinha, sobre a qual escreveu um livro e que até hoje tem alguns de seus descendentes vivos no povoado. Ao falar de Martinha e da sua história ele se emociona, fala também sobre

os quatro irmãos que chegaram ao povoado. Fizemos também algumas imagens no distrito de Conceição do Coité, chamado Juazeirinho, região na qual as pessoas do povoado buscavam água quando não chovia em sua terra.

Hoje a maior parte das pessoas é descendente deles, e o senhor Orlando mostra grande conhecimento a respeito da região, falando de forma clara das datas dos acontecimentos. Na entrevista no CEREST, houve alguns barulhos dos veículos, mas mudamos de sala, o que tornou possível continuar a gravação de forma tranquila. No mesmo dia, no final da tarde, entrevistamos professora Eliene Dantas, no Bairro da Quadra de Conceição do Coité. Ela falou sobre a educação na localidade, a respeito da agricultura familiar e os projetos para o povoado. Também relatou como era a educação na época que ela ensinava com a líder do povoado Rita do Maracujá.

Às dezenove horas neste mesmo dia entrevistamos o senhor Evaldo Oliveira que falou sobre a suposta senzala na fazenda Pedra Branca próximo ao povoado Maracujá. Ele não tinha muita base para fazer as declarações, pois não possuía em mãos as informações contidas num suposto disquete.

Dando continuidade às gravações, no dia 20 de agosto voltamos para o povoado Maracujá para fazer a nossa última entrevista, desta vez com o presidente da associação, Lourival de Oliveira Souza. Ele falou sobre a história de Martinha e dos quatro homens que chegaram e formaram o povoado. Relatou sobre a situação precária que a localidade enfrentou, e as mudanças que ocorreram nos últimos anos, além dos benefícios que o povoado poderá ter se for reconhecido como remanescente quilombola. No mesmo dia filmamos uma casa velha do povoado e um pé de Maracujá que deu origem ao nome do local. No dia 23 de agosto, já sem o auxílio do cinegrafista e dos equipamentos da WEB TV UNEB, fomos registrar imagens de um samba, brincadeira de roda que ocorreu na escola da comunidade, aproveitando cada detalhe do evento e das pessoas que estavam participando.

Durante todas as entrevistas buscamos aproveitar todas as informações que pudessem ser fornecidas pelos entrevistados, como recomenda Bernard (2008) ao falar da importância em pensar na narração de forma a aproveitar cada detalhe das falas, pois cada informação, por menor que seja, é essencial para se construir uma boa narrativa.

PÓS-PRODUÇÃO

Decupagem

É a fase na qual fizemos uma pré-seleção das falas que serviriam como base para a escolha das sonoras na edição. Entre os dias 21 e 30 de agosto decupamos as gravações realizadas no povoado Maracujá, Conceição do Coité e algumas imagens do povoado Juazeirinho. Nesses dias trabalhamos sem parar a fim de decupar todas as filmagens, pois foram mais de 6 horas de gravações, e muitas imagens importantes registradas do povoado. Para fazer uma decupagem mais detalhada, selecionamos as imagens desejadas e anotamos em uma tabela. A tabela foi composta por uma coluna onde colocamos os tempos, inicial e final, além das durações da sonora escolhida. Em outro campo selecionamos as falas dos entrevistados e em outras colunas criamos espaços para anotar as imagens que poderiam ser utilizadas, o plano em que foram feitas as entrevistas, além dos respectivos movimentos e transição da câmera utilizada.

No início especificamos a câmera se era fixa ou móvel, e a numeração da fita gravada, nas falas escritas, separando-as de acordo com a temática. Nas sonoras sobre a história da localidade foram colocadas na cor verde, as falas sobre desenvolvimento em vermelho e o azul utilizamos para especificar sobre a atualidade da comunidade. O mesmo foi feito com as imagens, os planos e os BGs, as câmeras, separando tudo pelas cores de acordo com as falas das pessoas, visando facilitar o trabalho de edição. Nas falas não detalhamos palavra por palavra, mas colocamos frases que definiam o sentido da fala do entrevistado, pois levaria muito tempo para ouvir e transcrever tudo o que era dito.

Tivemos algumas dificuldades para entender algumas sonoras, pelo fato dos entrevistados falarem baixo ou rápido, mas com muita cautela conseguimos ouvir os áudios sem maiores problemas. Como trabalhamos em dupla nessa atividade foi possível agilizar a decupagem ao dividirmos as fitas a serem decupadas, facilitando assim as seleções das imagens.

Roteiro de edição

O roteiro de edição usou uma metodologia semelhante a utilizada na decupagem. Elaboramos uma tabela para selecionar as cenas, enumerando cada uma delas, especificando o tempo que usaríamos para colocar no vídeo. Em outra coluna descrevemos os áudios selecionados, com as falas que iríamos usar para formar a ideia central do vídeo. Em seguida colocamos apenas as falas que seriam usadas para a narração do vídeo.

Após isso, selecionamos para a edição do roteiro, as imagens que seriam usadas em cada fala, e os planos que foram usados nas respectivas filmagens. Adotamos também as cores para o agrupamento das sonoras com temáticas semelhantes. As falas em verde são para identificar a história do povoado, a vermelha para as falas sobre o desenvolvimento do povoado, e cor azul para descrever sobre Rita do Maracujá e a atualidade da comunidade.

No decorrer da edição fizemos algumas complementações no roteiro, algumas imagens do povoado, como por exemplo, as cenas da chegada no povoado e tomadas dos moradores na escola, fazendo o samba. O início da narração não estava completo, e durante a edição acrescentamos mais algumas falas para finalização de trecho.

Trilha sonora

Usamos trilhas que fossem condizentes com a realidade do povoado, em harmonia com as falas dos entrevistados. As trilhas sonoras usadas para o vídeo documentário foram às músicas: *Disparada*, de Geraldo Vandré com interpretação de Sergio Reis e Almir Sater; *Sorriso negro*, de Jorge Porvela e Adilson Barbado, interpretado pelo grupo Fundo de quintal; e a música *Tocando em frente*, de Almir Sater e Renato Teixeira, com interpretação de Maria Bethânia. No decorrer do vídeo também utilizamos o *play back* dessa mesma música.

Utilizamos a música *Disparada*, de Geraldo Vandré, porque fala sobre o sertão seco, a falta de oportunidades na região e sofrimento das pessoas que lá vivem. Já a canção *Sorriso Negro* foi escolhida por exaltar a cultura negra, e a importância dela para a sociedade, valorizando o negro e sua cultura. A música *Tocando em Frente* foi pensada como um exemplo de continuidade da vida,

mantendo a perseverança mesmo nos momentos difíceis. O *play back* dessa canção tocando em frente foi utilizado no momento em que se fala sobre a líder Rita, para mostrar um sentimento de luta e força, passado por ela para a comunidade.

Edição e finalização

Na edição seguimos o roteiro, com exceção de alguns pequenos ajustes nas imagens e narração. Porém a maior parte do vídeo seguiu numa sequência cronológica definida no roteiro. Fizemos pequenas alterações nas sonoras sobre Martinha e Rita no final do vídeo. A edição teve início no dia 01 de setembro e durou até o dia 11 desse mesmo mês.

A edição foi feita no tempo estimado, sem atraso. Os recursos utilizados no vídeo foram básicos devido a temática escolhida. No entanto utilizamos alguns simples efeitos de transição para dar uma dinâmica melhor ao documentário.

Ficha Técnica

Pesquisa, roteiro, produção, direção e edição: Maicon Emerson e Robson Silva

Cinegrafista: Reinaldo de Assis

Técnico de edição de imagens: Rodrigo Carneiro

Supervisão e Fotos: Prof.^a Carolina Ruiz de Macedo

Créditos das imagens

Reinaldo de Assis

Maicon Emerson Ferreira Mota

Robson Silva

Operacionalização do projeto

Distribuição / veiculação

Entregaremos uma cópia do documentário para o povoado Maracujá e a alguns entrevistados. Faremos três exibições, uma no Campus XIV da UNEB de

Coité, outra no Centro Cultural da cidade, além de uma apresentação na comunidade do Maracujá, onde foi realizado o vídeo.

Orçamento (Incluindo a Campanha de Lançamento)

Gastos	Propósito	Valor/ unitário	Total
Gasolina para a disponibilidade das viagens, indo de moto para o povoado.	As primeiras viagens ao povoado	R\$ 2,60	R\$ 26,00
Gastos da gasolina utilizando o carro alugado pela UNEB.	Filmagens do documentário feitas no povoado e na sede do município.	R\$ 2,60	R\$ 60, 00
Almoço e um litro de refrigerante	Para três pessoas dia 19/09/2011, em um dos dias das filmagens	2 comercial de R\$ 12,00/ cada almoço R\$ 4,00 o refrigerante	R\$ 28,00
Lavagem da moto	Porque uma das vezes que fomos ao povoado a estrada estava cheia de lama e o veículo ficou muito sujo	R\$ 5, 00	R\$ 5, 00
Mídias de DVD e CD	Para utilizar nos BGs e nas cópias do vídeo que serão entregue para os professores da banca, e alguns moradores do povoado.	R\$ 1,00	R\$ 8,00
Divulgação/carro de som/rádio/sites/possivelmente jornais e TV	Divulgar o trabalho para que a sociedade conheça o povoado	Carro de som 8h por R\$ 80,00 Rádio 10,00 duas chamadas por dia – por 30 dias	R\$ 620,00 R\$ 300,00
Aluguel de datashow	Para projeção do vídeo na comunidade	R\$ 60,00	R\$ 60,00
Impressão das capas dos DVDs	DVDs para alguns	R\$ 6,00	R\$ 60,00

	entrevistados, moradores e professores da Banca		
Impressão do memorial	Para entrega na banca, três encadernações	R\$ 18,00	R\$ 54,00
Encadernação com capa dura, final do memorial	Biblioteca e autores do memorial, três cópias	R\$ 40,00	R\$ 120,00

- Fontes

As fontes de pesquisa para esse trabalho sobre o povoado foram as sonoras dos próprios moradores da comunidade Maracujá, que incluem algumas das pessoas mais velhas do povoado e amigas da líder comunitária que fez história na região. Recorremos às palavras do escritor Orlando Matos Barretos, que fez pesquisa sobre a história da localidade e escreveu um livro, *Martinha, escrava, esposa e rainha* (2004) que aborda sobre uma escrava guerreira que faz parte da história da localidade. Usamos algumas palavras do livro da professora Lúcia Maria Parcero em seu trabalho *Povoado Maracujá; sua gente, sua língua, suas crenças*, e utilizamos a sonora de um morador da sede de Coité, falando sobre uma suposta senzala próxima do povoado Maracujá.

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

ATIVIDADES	MESES						
	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro
Levantamento e leituras de fontes; seleção do material	X		X	X	X	X	
Visitas ao povoado e pesquisa exploratória	X		X		X	X	
Desenvolvimento do memorial	X		X		X	X	

Produção do vídeo-documentário						X	
Entrega e apresentação do memorial/ produto (vídeo-documentário)							X

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito do vídeo-documentário é conhecer um pouco mais sobre a história do povoado, contando seu desenvolvimento e as pessoas envolvidas. Existem algumas discussões a respeito do povoado, falas essas que dizem que é remanescente de quilombo, pelo fato de seus moradores serem quase todos negros. Esse assunto faz parte dessa história que abordamos um pouco tanto no vídeo quanto aqui no memorial, trazendo alguns desafios e questões a respeito do negro, no contexto local e histórico. Para entender sobre região, recorreremos aos próprios moradores e para dar uma sustentabilidade maior ao trabalho, ouvimos escritores e professores e lemos seus trabalhos que fizeram na localidade.

Os objetivos foram cumpridos, que era fazer um vídeo-documentário a respeito do povo e sua história inserindo como protagonistas os primeiros moradores do povoado e a líder comunitária Rita do Maracujá. No produto audiovisual demos voz a outras pessoas importantes relacionadas à história do povoado, assim como pessoas que fizeram pesquisas sobre o povo. No primeiro momento pensamos em dar mais ênfase à questão quilombola, porém como não existiam tantas coisas concretas sobre a temática, resolvemos dar mais visibilidade às questões sociais e históricas da comunidade, cumprindo assim o propósito do vídeo-documentário.

Para chegar a uma discussão sobre o negro, trabalhamos as ideias de alguns autores, como por exemplo, Rubim (2003) que aborda algumas noções sobre cidadania, Munanga (1986) que aborda a importância de o negro valorizar suas raízes e culturas. Outros autores foram Foucault (1999), falando sobre o Estado e o racismo, quando muitas vezes parcelas da sociedade são deixadas de lado.

Para trabalhar o suporte, usamos as ideias de Arnes (1999), que contextualiza o vídeo na sociedade e seus avanços. Nichols (2005), que traz a

importância do documentário; autores como Robert-Breslin (2009) falando sobre a imagem e o som, e sua importância para os produtos audiovisuais, trazendo um pouco sobre a técnica; Bernard (2008) abordando sobre como se fazer um bom documentário; Rodrigues falando sobre as tecnologias (2005); e por fim Gonçalves (2006) fazendo um panorama do documentário no Brasil.

E com isso construímos a temática sobre as questões do povoado a partir das falas dos próprios moradores do povoado Maracujá e através da discussão com esses autores. Expusemos aqui algumas ideias e possibilidades de ver as questões referentes ao negro com outro olhar, um olhar mais profundo, de mudanças no que se refere à cultura negra e todas essas questões que levantamos aqui nesse trabalho.

REFERÊNCIAS

ARMES, Roy. **On Vídeo**: o significado do vídeo nos meios de comunicação social. São Paulo: Summus, 1999.

BARRETO, Orlando Matos. **Martinha, escrava, esposa e rainha**. Conceição do Coité: Nossa Gráfica, 2004.

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário**: técnicas para uma produção de alto impacto. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FILHO, Luiz Augusto Coimbra de Rezende. **Documentário e Representação – Desnaturalizando uma Evidência**. Universidade Estácio de Sá, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no collège de France (1975 – 1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GONÇALVEZ, Gustavo Soranz. **Panorama do documentário no Brasil**. 2006. Disponível em PDF.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1986.

MUNANGA, Kabengele. As facetas de um racismo silenciado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2005.

RUBIM, Albino Canela. **Cidadania, Comunicação e Cultura**. In PERUZZO, Cicília Maria Krohling e ALMEIDA, Fernando Ferreira de. (orgs). **Comunicação para a cidadania**. São Paulo: INTERCOM; Salvador: UNEB, 2003.

PARCERO, Lúcia Maria de Jesus. **Povoado Maracujá**: sua gente, sua língua, suas crenças. (Tese de Doutorado). UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, Cristiano José. **Documentário**: tecnologia e sentido, um estudo da influência de três inovações tecnológicas no Documentário Brasileiro. Campinas - 2005.

ROBERT-BRESLIN, Jan. **Produção de Imagem e Som**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

RUBIM, Albino. Cidadania, Comunicação e Cultura. In PERUZZO, Cícilia Maria Krohling e ALMEIDA, Fernando Ferreira de (orgs). **Comunicação para a cidadania**. São Paulo: INTERCOM; Salvador: UNEB, 2003.

VIEIRA, Liszt. Cidadania e globalização. Rio de Janeiro, Ed. Record, 1997.

APENDICES

CRONOGRAMA DAS PERGUNTAS

NININHA	<p>COMO SE DEU O INÍCIO DO POVOADO? DE ONDE VIERAM ESSES HOMENS? O QUE ESSES HOMENS QUERIAM POR ESSAS TERRAS? QUEM ERA O DONO DAS TERRAS? POR QUE O NOME MARACUJÁ?</p>
ALBERTINO	<p>ELES ERAM DESCENDENTES DE ESCRAVOS? COMO FOI A DIVISÃO DAS TERRAS NA CONSTRUÇÃO DO POVOADO? AS PESSOAS QUE MORAM AQUI SÃO TODOS DESCENDENTES DESSES HOMENS?</p>
MARIA DE ALBERTINO	<p>QUAIS ERAM AS TRADIÇÕES NO INÍCIO DO POVOADO? QUAIS AS MAIORES DIFICULDADES HÁ MUITOS ANOS ATRÁS AQUI NO POVOADO?</p>
LOURIVAL	<p>ALGUNS PROFESSORES E PESQUISADORES DIZEM QUE O POVOADO PODE SER REMANESCENTE QUILOMBOLA, O QUE VOCE TEM A DIZER SOBRE ISSO? QUAIS FORAM AS MAIORES DIFICULDADES DO POVOADO ANOS ATRÁS? E AS QUAIS AS NECESSIDADES DE HOJE? QUAIS BENEFICIOS FORAM ALCANÇADOS ATUALMENTE? QUAL ERA O MEIO DE SOBREVIVÊNCIA NO PASSADO?</p>
MARIA DE ALBERTINO	<p>COMO FOI A CHEGADA DE RITA NO POVOADO? QUAIS AS DIFICULDADES ENCONTRADAS POR RITA, A FIM DE CONSEGUIR AS MUDANÇAS NO POVOADO?</p>
JOSEFA	<p>O QUE ELA FEZ PARA CONSEGUIR MELHORIAS PARA O POVOADO?</p>
MARIZETE	<p>COMO ERA A RELAÇÃO DELA PARA COM OS MORADORES?</p>
ELIENE	<p>COMO ERA A CULTURA DO POVOADO? E COMO É ATUALMENTE?</p>

CRONOGRAMA DE ENTREVISTAS

Origem do povoado	Dona Nininha	Falará sobre o início do povoado, chegada dos primeiros habitantes.
	Maria de Albertino	Continuação da história
	Albertino	Falará da origem do povoado
	Lourival (Pres. da associação dos moradores)	Continuação da história do povoado e seu desenvolvimento.
Desenvolvimento	Eliene (professora)	Mudanças na localidade
	Lourival	Desenvolvimento no decorrer dos anos.
	Albertino	Continuação/ povoado de antes para o de hoje
Líder comunitária	Marizete de Jesus (amiga)	Suas lutas
	Josefa (amiga)	Continuação de sua história para transformar o povoado.
	Maria de Albertino	Chegada no povoado
	Eliene	Líder/profissional.

CRONOGRAMA DE GRAVAÇÕES

1º dia de gravação	2º dia de gravação	3º dia de gravação
Nininha/ SONORA/ QUALQUER HORARIO NO SABADO	MARIZETE/ SONORA/ TERÇA OU QUINTA - FEIRA	LUCIA PARCERO/ SONORA /QUINTA OU SEXTA-FEIRA
MARIA DE ALBERTINO/ SONORA/ SABADO	JOSEFA/ SONORA/ TERÇA OU QUINTA - FEIRA	ORLANDO DO CEREST/ SONORA/ Ainda a confirmar
ALBERTINO/ SONORA SABADO	ELIENE/ SONORA/ TERÇA OU QUINTA - FEIRA	MORADOR COITEENSE/ SONORA/ QUALQUER DIA FINAL DA TARDE
LOURO DO MARACUJÁ/ SONORA SÁBADO	IMAGENS DO POVOADO E DE UMA FAZENDA QUE ERA UMA SUPOSTA SENZALA	IMAGENS DA CIDADE/ SAÍDA PARA O MARACUJÁ
ALGUMAS IMAGENS DO POVOADO.		

ROTEIRO DE EDIÇÃO: POVOADO MARACUJÁ

CE NA	TEMPO	AUDIO	NARRAÇÃO	IMAGEM	PLAN O
1	FITA- 2 CAMERA FIXA 51: 10 APROXIMADAMEN TE 0: 10;	BG	A cultura de um povo é o seu maior patrimônio Preservá-la é resgatar a história, é permitir que as novas gerações não vivam sob as trevas do anonimato. (Nildo Lage)	ALBERTI NO E MARIA	PG
2	FITAI-1/ 0: 15/ 0: 30/ 0: 15	BG	O POVOADO DO MARACUJÁ ESTA LOCALIZADO A 18 KM DA SEDE DE CONCEIÇÃO DO COITÉ	PLACA E ENTRAD A DO MARACU JÁ	PP PG
3	FITA- 1 / FIXA/ 5: 38/ 5: 50/ 0: 12	BG	CIDADE DO SEMI-ARIDO BAIANO, SITUADA A DUZENTOS E QUINZE KM DE SALVADOR	CASAS DA CHEGAD A MAIS DISTANT ES	PG PAM
4	FITA 2/ FIXA/ 55: 44/ 55: 50/ 0: 06	BG	O POVOADO ESXISTE DESDE 1858 E HOJE TEM CERCA DE 300 HABITANTES	CASA COM ANIMAL NA FRENTE	
5	FITA-1/FIXA/ 1: 38/ 1: 50/ 0: 12	BG	DURANTE MUITOS ANOS O POVOADO VIVEU ISOLADO SEM QUALQUER AUXILIO DO ESTADO	CASAS DA CHEGAD A	PAM PG
6	FITA1/ FIXA/ 37: 00/ 37: 06	BG	POUCO SE SABE A HISTÓRIA DO	CASA COM	

	0: 06		POVOADO	CISTERN A	
7	FITA-5/ CAMERA-2/ 0: 35/ 0:40/ 0: 05	BG	HAVENDO POUQUISSIMOS ESTUDOS E REGISTROS SOBRE ESSA COMUNIDADE	IMAGEM DO POVO NA ESCOLA	PG
8			POR QUASE 100% DE A SUA POPULAÇÃO SER NEGRA, NOS ULTIMOS ANOS SURGIRAM RUMORES QUE		
9	FITA- 1/ FIXA/ 8: 25/ 8: 30/ 0: 05	BG	A COMUNIDADE PODERIA SER REMANECENTE QUILOMBOLA	CASA DE NININHA	PG
10	Fita-4/ FIXA/ 54: 20/ 55: 08/ 0: 48	LORO// BENEFICIOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA		LORO	
11	FITA-3/ FIXA/ 31: 23/ 31: 49/ 0: 26	ORLANDO// NÃO PODE SER REMANESCEN TE DE QUILOMBO		ORLAND O FITA-2/ FIXA/ 56: 01/ 56: 10 0: 09/ SISAL	
12	FITA-3/ FIXA/ 28: 48/ 29: 07/ 0: 19	ORLANDO// COMPRA DAS TERRAS ANTES DOS IRMAOS		ORLAND O MATOS	PM
13	FITA-3 / FIXA/ 30: 15/ 30: 32/ 0: 17	ORLANDO// RECENCIAMEN TO DAS TERRAS		ORLAND O	PM
14	FITA-1/ FIXA/ 9: 33/	NININHA//		AURELIA	PM

	9: 42/ 0: 09	ELES VIERAM DA FAZENDA VASANTE		NA OLIVEIR A COPA	
15	FITA-2/ FIXA/5: 42/ 5: 47/ 0: 05	OU SOU DESSE POVO E MEU PAI ISSO AQUI FOI DO MEU AVÔ ESTENDELAU		ALBERTI NO E MARIA	
16	FITA-3/ FIXA/ 8: 37/ 8: 55/ 0: 18	LUCIA// DESCENDENCI A DAS FAMILIAS		LUCIA MARIA PACERO	
17	FITA-5/ FIXA/ 1: 19/ 1: 43/ 0: 24	LORO// AS COMPRAS DAS TERRAS E O AUMENTO DA FAMILIA		PP PM FITA-1/ FIXA/ 4: 35/ 4: 46/ 0: 11 ROÇA	
18	FITA-1/ FIXA/ 10: 15/ 10: 24/ 0: 09	NININHA// ELES TRABALHAVA M NA ROÇA DESCOBIAM A CAATINGA PRA FAZER PLANTAÇÃO PRA DAQUILO VIVER		IMAGEM DA CAATING A AURELIA NA (NININHA FITA-2/ FIXA/ 53: 50/ 53: 56/ 0: 06	
19	FITA-2 / FIXA/ 18: 15/ 18: 33/ 0: 18	ALBERTINO// A AGUA QUANDO SECAVA ...		DO TANQUE FITA-1 / 0: 50/ 0: 57/ 0: 07 // AÇUDE DE JUAZEIRI NHO FITA-4/	

				2: 30/ 2: 37/ 0: 07	
20	FITA-4/ FIXA/23: 46/ 24: 11/0: 26	SONORA/// EVALDO// SOBRE UMA SUPOSTA SENZALA NA FAZENDA PEDRA BRANCA, PRÓXIMO AO POVOADO MARACUJÁ,		EVALDO	
21	FITA-3 / FIXA/ 33: 11/ 33: 30/ 0: 19	ORLANDO// A FASEDA PEDRA BRANCA NÃO É DE ESCRAVOS		ORLAND O MATOS FITA-1/ FIXA/ 56: 28/56: 35/ 0: 07 FZDA. PEDRA BRANCA	
22	FITA-3/ FIXA/ 34: 53/ 33: 32/ 0: 39	ORLANDO// EXPLICANDO SOBRE A FEIRA DE ESCRAVOS		ORLAND O MATOS IMAGEM INTERNE T	
23	FITA-4/ FIXA/ 41:50/ 42: 05/0: 15	LORO// OFF // FALANDO DA ORIGEM DO NOME		PÉ DE MARACU JÁ Fita-5/ 12: 23/ 12: 32/ 0: 09	PAM
24		BG	A PARTIR DA DÉCADA DE 60 EM MEIO A TANTA DIFICULDADE, HOVE UMA	IMAGEM ESCURA E DAS LETRAS QUANDO O	

			PESSOA QUE SE DESTACOU	NARRADOR FALA	
25	FITA-5/ MÓVEL/ 31: 40/ 31: 50/ 0: 10	BG	RITA DO MARACUJÁ UMA GRANDE CONTRIBUINTE PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE//	IMAGEM RITA DO MARACUJÁ	PP
26	FITA-2/ FIXA/ 10: 43/ 10: 56/ 0: 13	MARIA// CONHECIMENTO DE RITA		OS DOIS	
27	FITA1/ FIXA/ 39: 17/ 39: 38/ 0: 21	MARIZETE/ UMA PESSOA PROCURADA		MARIZETE	
28	FITA2/ FIXA/ 7: 32/ 7: 42/ 0: 10	ALBERTINO// FINADA RITA		OS DOIS	
29	FITA-4/ FIXA/ 15: 00/ 15: 21/ 0: 21	PROFESSORA ELIENE// COMO ERA RITA		ELIENE FITA1/ FIXA/ 6: 22/ 6: 27/ 0: 05	
30	FITA 2/ FIXA/ 42:16/ 42:42/0:26	ALBERTINO E MARIA// FALANDO DA ASSOCIAÇÃO DO POVOADO		OS DOIS	
31	FITA-1/ FIXA/38: 55/ 39: 02/ 0: 07	SONORA MARIZETE// RITA PRA MINERA MESMO QUE SER MINHA IRMÃ MINHA MAE		MARIZETE	
32			SOMENTE NA DECADA DE 90 OCORRERAM MUDANÇAS NO POVOADO QUE MELHORARAM A QUALIDADE DE VIDA DOS	IMAGEM ESCURA E DAS LETRAS QUANDO O NARRADOR FALA	

			MORADORES		
33	FITA-5/ FIXA/ 11: 15/ 11: 25/ 0: 10			CISTERN A E CASA NOVA	PAM
34	FITA-4/ FIXA/ 38: 30/ 38: 48/ 0: 18	LORO// AS CISTERNAS E CASAS DO POVOADO		LORO FITA1/M ÓVEL/ 25: 01/ 25: 06	PM
35	FITA-1/ FIXA/ 22: 08/ 22: 35/ 0: 27	NININHA//ELA FALA DO CANDIEIRO E DA SERA DE ABELHA		FITA-5/ FIXA/11: 08/ 11: 13/ 0: 05 CANDIN HEIRO DE GÁS	
36	FITA-2/FIXA/ 12: 55/ 13: 05/ 0: 10	ALBERTINO/ NÃO TINHA ESTRADA		ALBERTI NO	
37	FITA 2/ FIXA/ 13: 06/ 13: 20 0: 14	FALA DA ESTRADA QUE ABRIU DE FOICE		ALBERTI NO	
38	FITA-2/ FIXA/ 19: 04/ 19: 08/ 0: 04	ALBERTINO// NÃO AQUI NÃO TEM AGUA ENCANADA NÃO. AQUI TEM CISTERNA QUE TEM AGUA		ALBERTI NO	PM
39	FITA-1/ FIXA/ 21: 26/ 21: 33/ 0: 07	NININHA// A AGUA VEM DOS CARROS APARA DA CHUVA QUANDO NÃO TEM DOS CARROS		FITA-2 /FIXA/ 54: 42/ 54: 46/ 0: 04	
40	FITA-3/ FIXA/ 2: 07/	LUCIA//		LUCIA	

	2: 11/ 0: 04	DATA DA ELETRIFICAÇÃ O			
41	FITA-4/ FIXA/ 39: 19/ 39: 41/ 0: 22	LORO// O QUE O POVO ACHAVA DA ELETRIFICAÇÃ O		CASAS DISTANT ES-2// FITA-1/ FIXA/ 7: 38/ 7: 45/ 0: 07// LORO	
42			A CULTURA DO POVOADO MARACUJÁ	IMAGEM ESCURA E DAS LETRAS QUANDO O NARRAD OR FALA	
43	FITA-1/ FIXA/ 32: 57/ 33: 02/ 0: 05			NININHA TESSEN DO A ESTEIRA	
44	FITA-3/ FIXA/ 12: 59/ 13: 29/ 0: 30	LUCIA/ OS MEIOS DE SOBREVIVENC IA		FITA-1/ 4: 25/ 4: 33/ 0: 08// LUCIA	PAM PM
45	FITA-1/ FIXA/ 24: 15/ 24: 33/ 0: 18	NININHA/ ONDE BUSCAVA O MATERIAL DA ESTEIRA		NININHA/ / FITA-1/ MOVÉL/ 21: 00/ 21: 13/ 0: 13	PD
46	FITA-2/FIXA/ 2: 59/ 3: 55/ 0: 56	DONA MARIA// FALA DAS TRADIÇÕES DO POVOADO QUE OCORRIAM, COMO ERA		IMAGEN S DO SAMBA// FITA-5/ MOVEL/ 10: 07/ 10: 12/ 0: 05	

				12: 36/ 12: 50/ 0: 14 22: 10/ 22: 25/ 0: 15	
47	FITA3/ FIXA/ 17: 18/ 17: 33/ 0: 15 CONTINUAÇÃO// FITA3/ FIXA/ 17: 38/ 17: 57/ 0: 19 CONTINUAÇÃO// FITA3/ FIXA/ 18: 08/ 18: 18/ 0: 10 CONTINUAÇÃO// FITA3/ FIXA/ 18: 35 18: 41/ 0: 06	LUCIA// FALA DA TRADIÇÃO DOS CANDOMBLÉS COMO SE ENCONTRAM HOJE NO POVOADO		FITA5/ FIXA 21: 34/ 21: 40 0: 06 21: 55/ 22: 00 0: 05	
48			O POVOADO HOJE...	IMAGEM ESCURA E DAS LETRAS QUANDO O NARRAD OR FALA	
49	FITA-5/ FIXA/ 14: 05/ 14: 09/ 0: 04	BG		ANTENA PARABÓ LICA	PG
50	FITA-1/ FIXA/ 38: 04/ 38: 15/ 0: 10	MARIZETE// O MARACUJA DE ANTES ERA DE VAGAR MAIS HOJE É OUTRA COISA NÉ		MARIZET E	
51	FITA-4/ FIXA/ 39: 51/ 40: 04/ 0: 13	LORO// A COMUNIDADE MUDOU COM A ELETRIFICAÇÃ O		LORO	

52	FITA-2/ FIXA/ 45: 27/ 45: 47/ 0: 20	ALBERTINO// A MINHA ALEGRIA É AS CASAS E AS CISTERNAS		OS DOIS	
53	FITA-4/ FIXA/ 12: 07/ 12: 29/ 0: 22	ELIENE// ESCOLA E AGRICULTURA FAMILIAR		ELIEINE// FITA-2/ 49: 38/ 49: 35/ O: 07	
54	FITA-2/ FIXA/ 13: 22/ 13: 33/ O: 11	ALBERTINO// A ESTRADA		FITA-5/ FIXA/ 7: 47/ 7: 57/ 0: 10 PREDIO ESCOLA R	
55	FITA2/ FIXA/ 11: 48/ 12: 01/ 0: 13	ALBERTINO// FALA DO ONIBUS		ALBERTI NO	
56			ESGRAVA GUERREIRA QUE DEIXOU SUA MARCA ANTES DA FORMAÇÃO DO POVOADO	IMAGEM ESCURA E DAS LETRAS QUANDO O NARRAD OR FALA	
57	FITA-3/ FIXA/ 42: 25/ 43: 15/ 0: 50	ORLANDO// A COMPRA E CASAMENTO DE MARTINHA		ORLAND O FITA3/ MÓVEL/ 28: 09/ 28: 13/ 0: 04	
58	FITA-3/ FIXA/ 47: 25/ 47: 59/0: 34	ORLANDO// DESCENDENT ES DOS QUATRO IRMAOS E DE MARTINHA		ORLAND O	
59	FITA-4/ FIXA/ 41: 12/ 41: 36/ 0: 24	LORO// DESCENDENT		LORO/ FITA-2/	

		ES DE MARTINHA		FIXA/ 41: 55/ 41: 57/ 0: 02/ ALBERTINO FITA1/ MOVEL/ 8: 00/ 8: 03/0: 03	
60	FITA-4/ FIXA/ 44: 23/ 45: 33/ 1: 10	ORLANDO// MARTINHA EM BUSCA DE SEUS IRMAOS		ORLANDO FITA3/ MÓVEL/ 29: 00/ 29: 10/ 0: 10	
61	FITA 5/ FIXA/ 9: 07 9: 13/ 0: 06	BG		CASA VELHA	
62	FITA 5/ 14: 28/ 14: 37/ 0: 09	BG		CASA DE FARINHA	
63	FITA1 MOVEL/ 2: 25/ 2: 30/ 0: 05	BG		GADO E CASA COM A MULHER	
64	FITA 1/ 6: 29/ 6: 50 0: 21	BG		PALMAS E CASA	
65	FITA-3/ FIXA/ 55: 49/56: 16/0: 27	ORLANDO// FALANDO SOBRE RITA DO MARACUJÁ		ORLANDO FITA5/ MÓVEL/ 32: 19/ 32: 25/ 0: 06 RITA MARACUJÁ	
66	FITA2/ FIXA/	ALBERTINO E DONA MARIA		ELES SE DESPEDI NDO	
67	FITA-2/ FIXA/ 51: 53/ 52: 06/ 0: 13	BG		FLOR E PÉ DO MARACU	PD PG

				JA	
68	C RÉDITOS				